

INDÍGENAS E ALIENÍGENAS

Raul Pilla

NÃO pretendo intervir na controvérsia estabelecida entre Rachel de Queirós e Gustavo Corção a respeito de habitantes indígenas e alienígenas. Desejo, apenas, reforçar com o meu depoimento a tese do último escritor, estribada em notáveis trabalhos de Fernando Carneiro. Não há, nem pode haver antagonismo entre o cabôclo e o imigrante estrangeiro; ao contrário, como nota Corção, este pode ter uma benéfica influência na recuperação do nosso homem do campo.

Há anos, passando eu alguns dias na fazenda de um amigo, na próspera região serrana do Rio Grande do Sul, saímos a percorrer o campo, a cavalo, numa radiosa manhã de verão. Eram nove horas, o sol ia alto. Apontou-me o senhor da fazenda para uma canhada, onde se via um casebre de madeira à beira do mato, através do qual corria um regato. Vais agora fazer uma observação interessante — disse-me êle. Aproximando-nos, vimos a mulher na lida caseira; duas ou três crianças brincavam, uma carreta ali parecia abandonada. Na reduzida área cultivada, viam-se alguns pés de milho, feijão e abóbora. Onde está fulano? — perguntou o meu companheiro à mulher. Está dormindo — foi a resposta.

A terra era da mais fértil; à disposição do agregado e sem nenhum ônus, estava a extensão que quisesse ou pudesse cultivar. Limitava-se êle, entretanto, a fazer alguns carretos, para ganhar o absolutamente indispensável.

Aqui está uma séria advertência para quantos imaginam que, no Brasil, país sub-povoado, a questão agrária se resolva simplesmente com uma redistribuição da terra. Lance-mos agora a vista para outras regiões do mesmo Estado. Refiro-me à chamada zona colonial, povoada por imigrantes estrangeiros e seus descendentes. Há nela faixas marginais, em que se verifica a interpenetração de aborígenes e alienígenas; e, ainda nas zonas maciçamente colonizadas, encontram-se alguns cabôclos entre os seus habitantes. Ora, o comportamento dêstes nada ou muito pouco difere do dos imigrantes. É que sentiram a influência do novo ambiente e com os estrangeiros aprenderam a trabalhar, a economizar e a apreciar um certo conforto. Os colonos estrangeiros e os seus descendentes exercem ali o papel de educadores e concorrem para o reerguimento dos elementos indígenas, com os quais estão em contacto.

Secundando Gustavo Corção, para êste fenômeno quisera eu chamar a atenção de Rachel de Queirós, que eu grandemente admiro.